

## CORPODISPOSITIVO: Para se pensar o corpo em cena no século XXI

*Artigo apresentado na ocasião do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia, em Brasília, com especial apoio da FAPEMIG.*

**Graziela Andrade<sup>1</sup>**

### RESUMO

Propõe-se o desenvolvimento do conceito corpodispositivo, tendo por base reflexões apresentadas - primordialmente, no campo da filosofia, por Michel Foucault, Giorgio Agamben e Gilles Deleuze -, a respeito do termo dispositivo. Neste sentido buscaremos percorrer uma cartografia do corpo contemporâneo que revele possíveis dinâmicas de atravessamentos entre dispositivos e apresente possibilidades reflexivas para o atual panorama de criação das artes da cena. A partir de tal argumentação busca-se alcançar, perscrutar e estabelecer uma perspectiva teórica original para as artes, no que tange ao corrente debate sobre as relações e aproximações entre o corpo, suas técnicas e as tecnologias.

**Palavras-Chave:** Corpo. Dispositivo. Corpodispositivo. Dança. Informação.

### 1. Dança: Campo de Conhecimento

Trata-se aqui de um ensaio no qual se inicia o desenvolvimento da noção de corpodispositivo relacionando-o a gênese do corpo contemporâneo em suas imbricações tecnológicas, a fim de propor possibilidades reflexivas que abarquem as artes da cena, em especial a Dança. Nesse sentido, faz-se necessário apresentar um pressuposto que diz respeito ao entendimento de Dança que aqui convocamos.

A Dança, como campo de conhecimento e expressão artística contemporânea, conduz nosso olhar para uma compreensão sobre o corpo que rompe com o senso comum de que ele seja uma entidade fixa e objetiva, uma estrutura orgânica permanente. Como quer Agamben (2011), a dança é ato intermediário, fruto da potência em si mesma. É assim um meio termo entre a possibilidade e a realidade, um fenômeno capaz de revelar traços da inescapável medialidade do ser.

Entre a possibilidade e a realidade efetiva da qual ela resulta, a dança registra um ser intermediário em que potência e ato, meio e fim se equilibram e se exibem, cada qual a seu turno. Este equilíbrio que os revela um ao outro, não é uma negação, mas uma exposição mútua, não é uma

1 - Graziela Andrade é artista da dança e professora adjunta do curso de Licenciatura em Dança da UFMG, Escola de Belas Artes. Doutora (2013) em co-tutela entre a UFMG, escola de Ciência da Informação e a Paris-Est, École de Science du Langage. Tem suas pesquisas acadêmicas voltadas, principalmente, para as questões que tangem ao corpo, às tecnologias e ao espaço, temas frequentemente analisados a partir de experiências no campo da dança. Contatos: [graandrade@gmail.com](mailto:graandrade@gmail.com)

interrupção, mas a oscilação recíproca da potência no ato e do ato na potência. (AGAMBEM, 2011, p. 194, tradução nossa)<sup>2</sup>

Sob esse ponto de vista, compreendemos que a dança desdobra-se continuamente entre o ato e a potência, mobilizando sua própria potencialidade enquanto linguagem. É um devir corpo, capaz então de, em alguma medida, apresentar o meio no qual se constitui. É diante desse entendimento que localizamos nossas discussões no Campo da Dança, afirmando-o como um profícuo espaço para o desenvolvimento de reflexões que tangenciem o sujeito e suas manifestações sócio-culturais.

Entretanto, para este momento, está reservado um desenvolvimento anterior àquele que irá trazer o foco de nossas análises para uma empiria ou epistemologia da Dança. O presente texto tem como objetivo um desenvolvimento anterior que busca apresentar uma relação entre corpo e informação, sugerida no contexto das tecnologias atuais, e então discorrer sobre a noção de dispositivo tendo como referência os autores<sup>3</sup> Michel Foucault e Giorgio Agamben.

## 2. Ser informação: um novo paradigma

Prolongados, expandidos, esgarçados no espaço. Comprimidos, aprisionados, escareados pelo tempo. Atravessados, dominados, corrompidos pelos dispositivos. Nunca fomos tão complexos<sup>4</sup>. Diante da cibercultura e do ciberespaço foi desencadeado "*um processo ilimitado de desincorporação dos seres humanos*" (CHAUI, 2014, p. 221) que, segundo a mesma autora, nos leva de volta ao clássico problema filosófico que interpela corpo e alma, matéria e espírito, mundo e pensamento, natureza e cultura.

Neste cenário, a passagem da imagem mecânica para a complexa instaura, segundo o cosmólogo Luis Alberto Oliveira (2003), uma transformação de paradigmas, na qual deixamos de perceber o ser humano do ponto de vista do par *substância-indivíduo* em favor do par *processo-informação*. Isso implica dizer que não somos moedas cunhadas, ou seja, feitos de uma substância comum que ganha forma no mundo, que encontra contornos e é moldada entre dentro e fora. Ao contrário, o que as escalas macro e microscópica, alcançadas pelas tecnologias atuais, escancararam é a inexistência do simples, o que nos faz marchar rumo aos desafios dos sistemas complexos. Não somos maquinaria, experimentamos travessias infundáveis de um real profundo:

A teoria dos sistemas complexos vai pois invocar não as relações entre indivíduos já constituídos, finalizados – relações definidas a partir das propriedades desses indivíduos "prontos" –, e sim o que

2 - Entre la possibilité et la réalité effective en laquelle elle s'abolit, la danse inscrit un être intermédiaire en qui puissance et acte, moyen et fin s'équilibrent et s'exhibent tour à tour. Cet équilibre que les révèle l'un à l'autre, n'est pas une négation, mais bien une exposition mutuelle, non un arrêt, mais le tremblement réciproque de la puissance dans les actes et de l'acte dans la puissance.

3 - Reconhecemos também o relevante tratamento de Gilles Deleuze ao termo dispositivo e ele é considerado no desenvolvimento da noção de corpodispositivo, entretanto, devido ao limite de espaço estipulado para o presente arquivo optamos por focar apenas em Agamben.

4 - Adotamos aqui a noção de complexidade segundo MORIN (2005).

se pode chamar de *potencialidades conectivas*, fundamento de uma capacidade imanente de engendrar estruturas, de produzir formas. Com efeito estaríamos hoje reconhecendo, na matéria, na vida e no pensamento, uma inerência inventiva, um poder endógeno de produzir novas relações, novas conjunções e disjunções, novas combinações e constelações, num fluxo de formatações a rigor interminável: não sabemos situar o “começo” ou o “fim” desse fluxo de conectibilidades. Assim para descrever tal campo de potencialidades conectivas sugere-se a figura de que o real adquiriu profundidade. O que estamos acostumados a chamar “realidade” – o domínio dos indivíduos existentes – teria ganhado espessura de um real virtual, um substrato de potencialidades. O real “atual”, personificado pelos corpos substanciais “estáveis”, sucedendo-se instantaneamente ao longo de uma infundável linha cronológica e re-presentado por um espectador plenamente cognoscente, repousaria sobre esse outro real tectônico, esse oceano inferior que suportaria e daria as condições de possibilidade da própria existência: dito de outro modo, o existir se apoiaria sobre um preexistir. (OLIVEIRA, 2003, p.156)

A *informação* assume assim o lugar da *substância* da qual somos feitos, dando lugar a uma nova espécie de materialismo, uma vez que são elas – as informações –, aquilo que preenche os fluxos. Oliveira (2003), ainda sob a perspectiva dos sistemas complexos, concebe a noção de “átomos de informação, uma unidade elementar de diferença ou distinção que podemos denominar de *bit*” (p.164) e que prescinde a qualquer suporte particular. Buscando as operações dessa interioridade do real, retomaremos aqui um estudo anterior no qual descamamos<sup>5</sup> a informação até alcançar algo semelhante a este átomo de informação, mas que na perspectiva da filosofia merleau-pontyana – em particular da reflexão sobre o visível e invisível –, chamamos de *infosigno* (ANDRADE, 2013). Dizemos semelhante, pois que o *infosigno* diz respeito a uma espécie de núcleo latente de significação da informação, entendendo-se que ambos são uma só coisa, ou seja, o *infosigno* não é uma categoria da informação, mas tão somente uma interioridade que lhe pertence. Nervura desnudada no mundo visível, emigração do sensível, a informação é superfície de profundidade inesgotável que se atualiza na *práxis*. O *infosigno* é da ordem do invisível, sensível e avesso, apontando para a potência. Dirá assim de uma energia reverberante, de uma qualidade profunda e submersa que nutre a carne da qual ele faz parte, aerando-a em possibilidades. O *infosigno* é a anterioridade da coisa, é algo presentes à, é a crença no imediatismo da fissura significativa, que lhe dirá respeito por um instante. E, por crer, ele atua, é um agente de sentido que mobiliza as fibras da carne a qual pertence. O *infosigno* é, assim, a forma mais elementar da informação, aquela que integra, atravessa e conserva viva e vigorosa a carne. A informação vem do enlace, é textura significativa. O que há entre ela e o corpo é o *quiasma*, entrecruzamento, é novo enlace no tecido do mundo. Mensurada no corpo por vias da experiência sensível a informação, é incorporada.

É diante do exposto que compreendemos que para se pensar as tecnologias, tal como se configuram na atualidade, é preciso antes de tudo abandonar o conceito tradicional de indivíduo e refletir sobre o corpo que estamos sendo em meio ao derrame informacional desta era digital, que nos coloca a inevitável tarefa de mergulhar e vasculhar a complexidade de quem somos e do que somos feitos. A

5 - Em Andrade (2013) é possível consultar o detalhamento dessa descamação da informação em: informe, informacional e *infosigno*. Na presente reflexão trataremos somente dessa última e mais profunda camada.



única certeza é a de que não estamos prontos:

O mundo consistiria não em uma coleção de seres formatados a priori, mas de uma conjunção de seres em contínua e interminável formatação. Fluxos materiais relacionam-se, combinam-se, coagulam-se, às vezes cristalizam-se, adquirindo um certo desenho, sustentando uma certa forma por um certo período, mas o fluir insiste, persiste em pouco o nódulo se desfaz e as matérias que os compunham participarão de outros seres. (OLIVEIRA, 2003, p.161)

O corpodispositivo é a noção que começamos a perscrutar a fim de realizar aproximações que tangenciem o corpo, a dança e as tecnologias da informação no contexto apresentado. É ele o corpo que é, sistematicamente, atravessado pelos infosignos.

### 3. Universo dispositivo: breve revisão do conceito

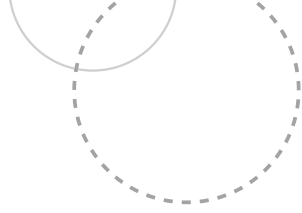
Sabe-se que o dispositivo é um termo técnico decisivo na estratégia de pensamento de Foucault (Agamben, 2005), embora ele jamais o tenha explicitado claramente. Faremos neste momento uma revisão desta noção a partir das reflexões do filósofo Giorgio Agamben<sup>6</sup> (2005 e 2009).

Agamben busca traçar uma genealogia do dispositivo, ampliando bastante a noção de Foucault, a fim de abarcar o contexto contemporâneo, diante do qual o autor faz severas críticas às tecnologias digitais. Em Hegel ele irá encontrar uma provável influência literária no tratamento da noção de positividade<sup>7</sup>. A hipótese de Agamben (2005) é a de que seria esse o termo que deu origem ao dispositivo em Foucault.

Por sua vez, a ideia de positividade em Hegel apresenta oposição a natureza e, com isso, diz respeito a dialéticas tais como liberdade e coerção, razão e história. Neste lugar do pensamento a positividade é compreendida como o elemento histórico coercitivo que, pode tornar opaca a razão, e ser um obstáculo a liberdade humana. Entretanto, em outro sentido, e sob a perspectiva que, posteriormente, prevalecerá na obra de Hegel –, a positividade deveria estar conciliada com a razão, para que desse modo ela pudesse perder seu caráter abstrato e se adaptar a riqueza concreta da vida (Hyppolite, 1983 *apud* Agamben, 2005). Positividade é assim o elemento que, em Foucault, e sob o ponto de vista de Agamben (2005) deu origem ao termo dispositivo, mas que, ao contrário de

6 - Utilizamos como referência um mesmo ensaio em duas publicações, pois notamos pequenas distinções entre eles. O primeiro é a conferência realizada por Giorgio Agamben no Brasil, em 2005 na Universidade Federal de Santa Catarina. O mesmo foi traduzido do original em italiano por Nilcéia Vadati e publicado no número 5 da revista *Outra Travessia*. A outra publicação de "O que é um dispositivo?" tem a mesma origem e data de 2009, constando no livro "O que é o contemporâneo? E outros ensaios" todos do mesmo autor.

7 - Vinha me perguntando frequentemente onde Foucault encontrara este termo, até o momento em que, não muitos meses atrás, reli o ensaio de Jean Hyppolite, *Introduction à la philosophie* de Hegel. Provavelmente os senhores conhecem a forte relação que ligava Foucault a Hyppolite, a quem define as vezes como "o meu mestre" (Hyppolite foi efetivamente seu professor de início durante a Khagne no liceu Henri IV e depois na Ecole Normale). O capítulo terceiro do ensaio de Hyppolite leva o título: *Raison et historie. Les idées de positivite et de destin*. (AGAMBEN, 2005, p.10)



Hegel, não aponta para uma conciliação da dialética. Agamben (2005) afirma que para Foucault, antes de tudo, o que precisava ser investigado eram os modos relacionais:

Se “positividade” é o nome que, segundo Hyppolite, o jovem Hegel dá ao elemento histórico, com toda a sua carga de regras, ritos e instituições impostas aos indivíduos por um poder externo, mas que se torna, por assim dizer, interiorizada nos sistemas das crenças e dos sentimentos, então Foucault, tomando emprestado este termo (que se tornará mais tarde “dispositivo”) toma posição em relação a um problema decisivo, que é também o seu problema mais próprio: **a relação entre os indivíduos como seres vivos e o elemento histórico**, entendendo com este termo o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder. O objetivo último de Foucault não é, porém, como em Hegel, aquele de reconciliar os dois elementos. E nem mesmo o de enfatizar o conflito entre estes. Trata-se para ele antes de investigar os modos concretos em que as positivities (ou os dispositivos) atuam nas relações, nos mecanismos e nos “jogos” de poder. (AGAMBEN, 2005, p.11, grifo nosso)

O dispositivo alcança assim uma vasta esfera semântica, o que leva Agamben (2005) a considerá-lo como um “conceito operativo de caráter geral” que na estratégia do pensamento foucaultiano viria, precisamente, a ocupar *les universaux*<sup>8</sup>. Com isso, entende-se que, para além de se ocupar de uma tecnologia do poder, de uma medida de segurança ou de uma abstração comum, Foucault – como mencionado em uma entrevista de 1977, que citaremos mais adiante – interessava-se pela rede que se estabelece entre os elementos (Agamben, 2005). Nessa rede agem e igualmente se configuram os dispositivos, em um movimento inestancável.

Em sua proposição do desenho genealógico do termo Agamben (2005) ainda irá recuperar a origem do termo grego *oikonomia*<sup>9</sup> – decisivo na composição da trindade cristã entre o segundo e o sexto séculos, quando um Deus torna-se pai, filho e espírito santo –, que teria deixado como herança teológica para a cultura ocidental a esquizofrênica cisão entre ontologia e práxis; ser e ação em Deus, na qual não há fundamento entre tais polaridades. A tradução da *oikonomia* para o latim, segundo o mesmo autor, seria nada menos que *dispositio*.

De certa forma os dispositivos recuperariam assim essa fratura indivisível, ou seja, “podem ser de algum modo reconduzidos a fratura que divide e, ao mesmo tempo, articula em Deus ser e praxis, a natureza ou a essência e o modo em que ele administra e governa o mundo das criaturas (AGAMBEN, 2005, p.12)”. Entende-se, nesse sentido, que os dispositivos apresentam como característica rupturas em sua interioridade, ainda que essas não sejam plenamente visíveis e apontem para um mesmo conjunto, uma unidade ou trama.

8 - Foucault recusava a se ocupar daquelas categorias gerais ou entes da razão que chamava de “os universais”, tais como: Estado, Soberania, Lei e Poder. (Agamben, 2005)

9 - Você sabem que *oikonomia* significa em grego a administração do *oikos*, da casa e, mais geralmente, gestão, *management*. Trata-se, como disse Aristóteles, não de um paradigma epistêmico, mas de uma praxis, de uma atividade prática que deve de quando em quando fazer frente a um problema e a uma situação particular (AGAMBEN, 2005, p.11).





Uma última referência apresentada por Agamben (2005), à luz da genealogia teológica, é a de *Gestell* no “último” Heidegger, que também tem etimologia análoga aquela do *dispositio*.

Quando Heidegger, em *Die technik und die kehre* (A técnica e a volta), escreve que *Ge-stell* significa comumente “aparato” (*Gerät*), mas que ele entende com este termo “o recolher-se daquele (dis) por (*Stellen*), que dis(poe) do homem, isto é, **exige dele o desvelamento do real sobre o modo de ordenar** (*Bestellen*)”, a proximidade deste termo com o *dispositio* dos teólogos e com os dispositivos foucaultianos é evidente. Comum a todos esses termos é a referência a uma *oikonomia*, isto é, a um conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é de administrar, governar, controlar e orientar, em um sentido em que se supõe útil, os comportamentos, os gestos e os pensamentos dos homens (AGAMBEN, 2009, p.38, grifo nosso).

Deste modo temos no percurso traçado por Agamben (2005 e 2009), e que abrange o contexto da filologia foucaultiana, três principais pontos de referência terminológicos que se entrelaçam na definição dos dispositivos: Positividade, *Oikonomia* e *Gestell*. A positividade sendo o elemento que aponta para a tensiönada, já que não harmônica, relação entre os viventes e os elementos históricos, a partir da qual se dão os jogos de poder. A *oikonomia* como termo que nos faz lembrar da fratura na origem, da cisão não aparente ainda que presente, e da esquizofrenia que é a separação infundada entre ser e ação. E, por fim, a *gestell* que, a nosso ver, diz respeito a forma como técnicas e aparatos vão exigir do homem um modo de operar, construir, organizar e apresentar aquilo que se chama de real.

Neste ponto da reflexão, retomemos a citada entrevista de Foucault<sup>10</sup> tida como sua maior aproximação de uma definição do que seria um dispositivo e que é apresentada de forma resumida por Agamben da seguinte maneira:

- a. É um conjunto heterogêneo, linguístico e não-linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas etc. **O dispositivo em si é a rede** que se estabelece entre esses elementos.
- b. O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder.
- c. Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber. (AGAMBEN, 2009, p.29, grifo nosso)

10 - Aquilo que procuro individualizar com este nome é, antes de tudo um conjunto absolutamente heterogêneo que implica discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas, em resumo: tanto o dito quanto o não dito, eis os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se estabelece entre estes elementos [...]. [...] com o termo dispositivo compreendo uma espécie – por assim dizer – de formação que num certo momento histórico teve como função essencial responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função eminentemente estratégica [...] Disse que o dispositivo tem natureza essencialmente estratégica, que se trata, como consequência, de uma certa manipulação de relações de força, seja para bloqueá-las ou para fixá-las e utilizá-las. O dispositivo está sempre inscrito num jogo de poder e, ao mesmo tempo, sempre ligado aos limites do saber, que derivam desse e, na mesma medida, condicionam-no. Assim, o dispositivo é: um conjunto de estratégias de relações de força que condicionam certos tipos de saber e por ele são condicionados. (FOUCAULT, Dits et écrits, v.III, p.299-300 *apud* AGAMBEN, 2009, p.28)

Esta noção foucaultiana de dispositivo já nos dá ideia de quão vasto pode ser o alcance do termo. Ela será ainda mais esgarçada por Agamben (2005 e 2009) agora rumo à problematização dos inúmeros dispositivos tecnológicos próprios ao nosso tempo. Assim, na proposta desse autor os dispositivos abarcam desde esse ponto de vista de Foucault – que inclui o conjunto de instituições, regras e processos de subjetivação que concretizam as relações de poder, tais como disciplinas, escolas, confissões e prisões –, até dispositivos que demonstrem conexões menos evidentes com o poder, como: a caneta, os telefones celulares, a própria filosofia, o cigarro, os computadores, a literatura e, inclusive, aquele que, para o autor, talvez seja o mais antigo dos dispositivos, a linguagem. É nesse exercício que ele alcança a seguinte definição:

Proponho-lhes nada menos que uma geral e maciça divisão do existente em dois grandes grupos ou classes: de um lado, os seres vivos (ou, as substâncias), e, de outro, os dispositivos em que estes são incessantemente capturados. (...) Generalizando posteriormente a já bastante ampla classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo **qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos**. (AGAMBEN, 2009, p.40)

Para o autor a atual fase extremada do capitalismo em que vivemos é fortemente marcada pela acumulação e proliferação dos dispositivos, dos quais já não estamos livres em nenhum instante da vida. De fato, os dispositivos estão conosco desde que evoluímos de animais à *homo sapiens*, eles tem suas raízes no mesmo processo de tornarmo-nos humanos, quer seja, a cisão que separa o vivo de si mesmo e da relação imediata com o seu ambiente – “que reproduz de algum modo a cisão que a *oikonomia* introduziu em Deus entre ser e ação” (Agamben, 2009, p.14). Entre os vivos e os dispositivos – ser e ação – estaria o sujeito, como terceiro, como resultante. Mas, como substâncias e sujeitos se sobrepõem um mesmo indivíduo é lugar de múltiplos processos de subjetivação.

À ilimitada proliferação dos dispositivos, que define a fase presente do capitalismo, faz confronto uma igualmente ilimitada proliferação de processos de subjetivação. Isto pode produzir a impressão de que a categoria da subjetividade no nosso tempo vacila e perde consistência, mas trata-se, para sermos precisos, não de um cancelamento ou de uma superação, mas de uma disseminação que acrescenta o aspecto de mascaramento que sempre acompanhou toda a identidade pessoal. (AGAMBEN, 2009, p.13).

Assim como no paradigma cristão da *oikonomia* o dispositivo é aquilo que opera na cisão do Ser, entre o vivo e a substância, mas também em suas tramas e sobre eles. E, especialmente, em sua resultante, o sujeito, que já é um múltiplo. “Na raiz de cada dispositivo está, deste modo, um desejo demasiadamente humano de felicidade, e a captura e a subjetivação deste desejo em uma esfera separada constitui a potência específica do dispositivo” (Agamben, 2009, p.14). Podemos assim entender que em um de seus aspectos o dispositivo pode operar no anúncio da falta e ao mesmo tempo no excesso de nada, na incompletude. Ele captura o desejo livre no mundo e o oferece de maneira ilusória ao sujeito



que nele crê. Nesta perspectiva, em uma analogia imagética, temos o dispositivo como aquilo que promove a crença de que uma colagem é capaz de devolver por inteiro um objeto, mas ao mesmo tempo ele oferece a visão da cola nas rachaduras. Os dispositivos operam em um ledão engano humano, aquele da ilusão da completude, sendo a captura de uma falta sem jamais oferecer pleno preenchimento.

Capturados pela avalanche de dispositivos que nos cercam, somos desubjetivados, eis a nova característica dos dispositivos, eles não produzem novas subjetividades, senão novas ausências. Como querem Scramim e Honesko (2009), que entendem os dispositivos como máquinas de produzir sujeitos e ao mesmo tempo sujeitá-los, governando-os – há um deslocamento nessa lógica. Os dispositivos tradicionais (confissão, prisão, escola, etc.) prometiam um ciclo completo de subjetivação em que um novo sujeito se constituía na negação do antigo. Mas, nos atuais, não se constata a produção de um sujeito real senão um espectral, resultante de uma indiferenciação entre subjetivação e dessubjetivação. “Aquele que se deixa capturar no dispositivo “telefone celular”, qualquer que seja a intensidade do desejo que o impulsionou, não adquire, por isso, uma nova subjetividade, mas somente um número através do qual pode ser, eventualmente, controlado [...]” (AGAMBEN, 2009, p.15). Os sujeitos da sociedade contemporânea parecem pulverizados entre os milhares de dispositivos, agora globais, que o abarcam.

Eis o paradoxo que nosso autor denuncia: quanto menos subjetividades, tanto mais dispositivos são criados para promover a sujeição dos indivíduos ao poder. Sendo muitos não somos coisa alguma, senão um espectro informacional diluído nas redes. Se esse cenário parece desastroso, lembremos que, embora não seja assunto a ser tratado neste momento, Agamben (2009) sugere a profanação como um contradispositivo capaz de restituir ao uso comum aquilo que foi capturado e separado de si, questão a qual não nos ateremos agora.

## 4. Conclusão

Tem-se então descritos os elementos que garantirão tónus ao prosseguimento desta pesquisa. Em primeiro lugar a Dança apresentando-se como potente campo de reflexão sobre o corpo em suas manifestações artísticas e culturais, e sendo assim a área a partir da qual se pretende desenvolver aproximações epistemológicas e análises empíricas que sustentem a noção que aqui começamos a estruturar. Em segundo, o corpo que em sua gênese informacional captura, explicita e problematiza a relação humana com as tecnologias da informação, bem como sua própria constituição subjetiva. E, por fim, temos uma revisão da noção de dispositivo, a partir da qual já é possível vislumbrar elementos que poderão ser elencados a nossa discussão em direção ao delineamento do corpo-dispositivo.

## 5. Referências

ANDRADE, Graziela. Corpografias em Dança: da experiência do corpo sensível entre a informação e a gestualidade. Tese (doutorado) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.





- AGAMBEN, Giorgio. Notes sur le geste. Tradução Daniel Loayza. In: *Trafic 1*. Paris: POL, 1992, p. 49-52.
- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. Le geste et la danse. In: MACEL, Christine; LAVIGNE, Emma (Org.). *Danser sa vie: écrits sur la danse*. Paris: Éditions du Centre Pompidou, 2011, p. 189-194.
- CHAUI, Marilena. Cibercultura e mundo virtual. In: *A ideologia da competência*. Coleção: *Escritos de Marilena Chaui*, vol. 3. Org. André Rocha. Belo Horizonte: Autêntica editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.
- CHINOLA, Sandro. Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze. Trad. Sandra Dall Onder. *Cadernos IHU ideias*, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. Ano 1, n.1, 2003. São Leopoldo, RS.
- DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: BALBIER, E. et al. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161.
- FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir: naissance de la prison*. Collection Tel. Paris: Éditions Gallimard, 1975.
- \_\_\_\_\_, Michel, *Dits et écrits II, 1976-1988*, Éditions établie sous la direction de D. Defert et F. Ewald avec la collaboration de J. Lagrange, Paris Gallimard, 2001.
- \_\_\_\_\_, Michel. Os corpos dóceis. In: *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramalhet. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. cap. 1, p.131-163.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução Reginaldo di Piero. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o Invisível*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.